

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS



FRANCISCO
CÂNDIDO XAVIER
JAIR PRESENTE

GEM



colabore na difusão
do Espiritismo, ofere-
cendo livros aos seus
amigos.

"A Casa do Caninho"

JUIZ de FORA

M. G.

Homenagem e gratidão a
Rolando Ramacciotti

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
Espírito de Jair Presente

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS

GRUPO ESPÍRITA EMMANUELS/C EDITORA
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2857
Caixa Postal 888 - Telefone: (011) 419-7122
09700 - São Bernardo do Campo - SP
Brasil

X19a Xavier, Francisco Cândido, 1910-
Agência de notícias / Francisco Cândido
Xavier;
[pelo] espírito de Jair Presente. — São
Bernardo do Campo, SP: Grupo Espírita
Emmanuel, 1986.

1. Espiritismo 2. Poesia brasileira 3.
Psicografia I. Presente, Jair. II. Título.

COD-133.91

-133.9

-869.91

85-2013

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicações mediúnicas: Espiritismo 133.91
2. Espiritismo 133.9
3. Mensagens psicografadas: Espiritismo 133.91
4. Poesia: Literatura brasileira 869.91
5. Poesia mediúnica: Espiritismo 133.91

1ª EDIÇÃO - 1986

Capa:
GESSÉ ALVES PEREIRA

Produção:
WALTER MITTELSTAEDT

Diagramação:
VIVALDO DA CUNHA BORGES

SUMÁRIO

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS	15
1 - PARA HOJE	19
2 - VOTOS DE AMIGO	21
3 - SOVINICE	23
4 - LOUVORES ESQUECIDOS	27
5 - CONCURSO DE SAMBA	29
6 - CASO DE VITORINO	33
7 - IRMÃOS DA MESMA FAIXA	39
8 - DIA DA CRIANÇA	43
9 - REUNIÃO EM JESUS	45
10 - ABERTURAS	49
11 - UM CASO DE OBSESSÃO	51
12 - DIA DOS PAIS	55
13 - CARMELINO	59
14 - UM MÉDIUM	65

15 - A HERANÇA	67
16 - EVOLUÇÃO DO AMOR	71
17 - TAREFA FRUSTRADA	77
18 - PROMESSA E MUDANÇA	81
19 - ANOTAÇÃO BREVE	85
20 - PETITÓRIO	87

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS

Amigo leitor.

O nosso companheiro Jair Presente é, sem dúvida, um operoso exportador de idéias.

A princípio, deu-nos a “Loja de Alegria” e, logo após, o “Bazar da Vida” (*), livros em que ele generosamente nos estende impressões e narrativas, sugerindo-nos enobrecedoras reflexões e ensinamentos sobre a imortalidade, com lições

(* - Livros de autoria de Jair Presente, agora domiciliado no Plano Espiritual, já publicados pelo GEEM. - Nota da Editora.

e pensamentos que a todos nos surpreendem, tão-logo nos distanciamos do Plano Físico.

*

Para nosso contentamento, Jair nos oferece, no presente volume, as páginas que ele nomeia por “Agência de Notícias”, alegrando-nos e instruindo-nos, ao mesmo tempo, com as suas inspirações, repletas de alto conteúdo espiritual.

*

Valente companheiro que se dedica, de alma e coração, aos temas da alma, aqui estamos para rejubilar-nos com as suas criações, em que a arte e a originalidade se aliam para servirem à

verdade, desejando ao amigo leitor o reconforto que as páginas deste livro nos trouxeram e rogando ao Senhor Jesus a todos nos inspire e nos abençoe.

EMMANUEL

Uberaba, 23 de agosto de 1985

PARA HOJE

Do bem que sonhes fazer
Não teças conversa vã...
Ações no bem? Não vaciles,
Nem guardes para amanhã.
A carta por escrever,
Uma ofensa a perdoar,
Algum pequeno dever
Que não se deve adiar...
Uma visita ao doente,
Alguma doce lembrança,
A gentileza da hora,
Uma frase de esperança...
Algum socorro ao amigo
No dia da provação,
O calor da simpatia
Num leve aperto de mão...

Agindo de alma sincera,
Nunca retardes o bem.
A Morte é um anjo de Deus
Mas não espera a ninguém.

VOTOS DE AMIGO

Recebi a sua carta
Na qual encontrei o ensejo
De escrever-lhe esclarecendo
Aquilo que lhe desejo.
Não posso dizer-lhe tudo
Quanto quero e mais me agrada,
Peço a Jesus que lhe dê
A luz da felicidade.
Mas alguns pontos ligeiros
Posso aqui assinalar,
Por tratarem claramente
De seu próprio bem-estar.
Deus o livre de ambição
Sobre as posses do vizinho,
Das palavras mal faladas,
Das tentações do caminho.

Deus o livre do costume
 De pular cerca ou porteira,
 De qualquer moça fogosa,
 De mulher alcoviteira.
 Peça a Jesus que o socorra
 Com recursos naturais,
 Peça o que se faz preciso,
 Mas não peça o que é demais.

SOVINICE

Era um caso singular
 O caso de João Monteiro,
 Capitalista aos quarenta,
 Só procurava dinheiro.
 Vivia sempre isolado.
 Segregação incomum,
 Não cultivava amizades
 Nem tinha parente algum.
 Emprestava, a juros altos,
 E usando rasteira e treta,
 Prendia com papelada
 Muita gente na gaveta.
 Se alguém lhe rogasse auxílio,
 Considerava, brigão:
 — “Para todo petítório
 A minha resposta é não.”

Senhoras vinham a ele
 Falando em beneficência,
 Necessitavam de apoio
 Para os irmãos em carência.
 João dizia com sarcasmo:
 — “Não desejo compromisso,
 Se alguém é doente e pobre,
 Eu nada tenho com isso..”
 Se um menino aparecesse,
 Pedindo a esmola de um pão,
 Gritava: — “Saia daqui!
 Menino sujo é ladrão..”
 A mendigo que surgisse
 Rogando-lhe algum café,
 Exclamava, zombeteiro:
 — “Passe bem, fique como é..”
 Se alguém lhe adiaava os juro
 Na data prefixada,
 Ouvia-lhe os desaforos,
 Sofria-lhe a mão pesada.

Certa noite, João em sonho
 Viu a morte... Parecia
 Ver um anjo estranho e lindo
 A dizer que o buscaria...
 Ele pensou na fortuna
 Que retinha com cuidado,
 Sobressaltou-se, chorou
 E implorou, acabrunhado:
 — “Grande Morte, grande dama,
 Preciso ainda viver;
 Deixe-me... Venha mais tarde...
 Tenho muito que fazer..”
 Disse a Morte, brandamente:
 — “O seu pedido é perfeito,
 Mas o seu tempo é chegado
 E o que se fez está feito.
 Você me chama por grande,
 Como se eu fosse rainha,
 No entanto, entre as criaturas,
 Sou fraca e pequenininha..”

João acordou, assustado,
 Vestiu-se, pôs o boné;
 Ao calçar-se, um prego solto
 Feriu-lhe um dedo do pé.
 Logo, logo, o dedo inchado
 Impunha-lhe muita dor...
 Fez banhos, colou emplastros,
 Mancando foi ao doutor.
 Mas tudo acabou, em vão...
 Com várias radiografias,
 O tétano levou João
 Simplesmente em cinco dias...

LOUVORES ESQUECIDOS

Desejo fraternalmente,
 Sem argumentos compridos,
 Falar sem bronca ou censura
 Dos louvores esquecidos.
 Estamos sempre dispostos
 A mostrar nossos respeitos
 Aos donos de campeonatos
 E às almas de nobres feitos.
 Mas na existência terrestre
 Não vemos quaisquer ensinamentos
 Para aplaudir grandes gestos
 Que temos por pequeninos.
 Louvemos os companheiros
 Do trato de cada dia
 Que conversam em voz baixa,
 Evitando gritaria.

Louvemos nossos irmãos
 Que, com esmero feliz,
 Não se esquecem do banheiro
 Para assoar o nariz.
 Louvemos todos aqueles
 Que atendem à obrigação
 De não deixar lixo algum
 Estatelado no chão.
 Louvemos as amizades
 Que no mundo, às vezes louco,
 São afáveis e discretas,
 Ouvem muito e falam pouco.
 Louvemos nossos cupinchas,
 Amigos da educação,
 Que não falam de excrementos
 Nas horas de refeição.
 Louvemos qualquer pessoa
 De zelo sempre maior,
 Na higiene e na limpeza,
 Fazendo a vida melhor.

CONCURSO DE SAMBA

Foi num concurso de samba.
 O nosso amigo Ribeiro
 Entre os demais concorrentes,
 Estava sendo o primeiro.
 Moças e moços de fama,
 Após ligeira merenda,
 Afastavam-se da festa
 Largando-se da contenda.
 Ribeiro continuava
 E, escorado na moringa,
 De hora em hora, reclamava
 Um grande copo de pinga.
 A equipe dos musicistas,
 Composta de gente amiga,
 Doava substitutos
 A quem mostrasse fadiga.

Ribeiro continuava
 Tomando conta da praça,
 Dançando e gesticulando,
 Alimentado à cachaça.
 Decorridas vinte horas,
 Num grito desabalado,
 Ribeiro caiu no chão...
 Estava desencarnado.
 Um médico trazido a exame,
 Discreto, falou à parte,
 Explicando a conhecidos,
 Quanto à suspeita de enfarte.
 O morto, de nosso lado,
 Olhando o corpo no chão,
 Clamava: “Jesus me valha,
 Mártir São Sebastião.”
 Depois, conheceu conosco
 Um colega, seu amigo...
 Chorando, exclamou: “Manoel,
 O samba acabou comigo!...”

Manoel que lhe fora par
 No Roçado do Vai-Vem,
 Falou a ele: “Ribeiro,
 Samba não fere a ninguém...
 Quem te roubou vida e força,
 Não foi samba, nem foi ginga.
 Dança e música são nossas,
 Quem te matou foi a pinga.”

CASO DE VITORINO

Disse o Guia: “Vitorino,
A mais importante norma
De sublimar a existência
É a nossa própria reforma.
Não se descuide. Inda agora,
Ouça o aviso do Além,
Ninguém consegue elevar-se
Sem renovar-se no Bem.”
Respondeu o interpelado,
Humilde, baixando o olhar:
— “Repito-vos, caro Guia,
Eu prometo melhorar.”
Muito embora, Vitorino
Fosse ao grupo de oração,
Fora do grupo, era ele
A própria contradição.

Negociando ouro e jóias,
 Bebia sempre onde ia.
 Transtornado, de repente,
 Insultava e discutia.
 Mantinha a esposa e dois filhos,
 No entanto, chegando em casa,
 Era um ébrio renitente,
 Mostrando os olhos em brasa...
 Espancava a companheira
 Pobre louco em desatinos,
 Em seguida ao quebra-quebra,
 Espancava os dois meninos.
 Ameaçava os parentes,
 Rixava por frase à toa,
 Chegando a noite das preces
 Parecia outra pessoa.
 No grupo, o Guia amoroso,
 Continuava a falar,
 Vitorino respondia:
 — “Eu prometo melhorar.”

No outro dia, a mesma nota,
 Era a pessoa insegura,
 Bebia constantemente,
 Quase atingindo a loucura.
 Vitorino possuía
 Outra casa e outra mulher,
 Gritando para os vizinhos:
 “Tenho a vida que eu quiser...”
 Essa infeliz criatura,
 Se o bebum aparecia,
 Também sofria, humilhada,
 Injúria e pancadaria.
 A essa mulher segunda
 Ele chamava de “estepe”,
 Era uma jovem doente,
 Magrinha que nem ganzepe.
 Chegando a noite das preces,
 Eis o Guia a aconselhar,
 Ele, porém, só dizia:
 — “Eu prometo melhorar.”

Mas os anos transcorreram,
 Aos tragos, sem intervalo,
 Assustado, certa noite,
 Viu a morte a procurá-lo.
 Todo encolhido no leito,
 Sofria grande aflição,
 Terríveis e fortes dores
 Em torno do coração.
 Ele pediu: "Morte amiga,
 Deixe-me, quero sarar,
 Se tenho errado no mundo
 Eu prometo melhorar..."
 Disse a Morte: "Não se queixe,
 Entenda, prezado amigo,
 Não me venha com promessas
 Seu caso agora é comigo!...
 Você teve muitas chances,
 Muito dinheiro e conforto,
 Você continua vivo
 Mas o seu tempo está morto!..."

Vitorino, estarrecido,
 Notou a morte ao seu lado,
 Depois em breves momentos
 Estava desencarnado.
 No outro dia, grande enterro,
 Descia por flórea rampa
 E duas mulheres tristes
 Chorando na mesma campa.

IRMÃOS DA MESMA FAIXA

Era um hábito sem pausa...
Fosse ilusão ou capricho,
O médium Joaquim de Souza
Curtia o jogo do bicho.
Não era pessoa falsa,
Nem era mau companheiro,
Demonstrava apenas fome
De dinheiro e mais dinheiro.
Na manhã de cada dia,
Em pensamento profundo,
Perguntava a Irmão Rosalvo
Que lhe fora irmão no mundo...
— “Que bicho teremos hoje?”
Após ligeiro intervalo,
A voz do irmão respondia :
— “Pegue o camelo e o cavalo.”

Joaquim seguia o conselho,
 Promovia grande aposta:
 Depois, vinha o resultado
 Grande soma por resposta.
 Chegava a manhã seguinte,
 Concentrava-se com fé...
 — “E hoje?” O irmão sugeria:
 — “Pegue a cabra e o jacaré.”
 Na manhã imediata,
 Joaquim regressava à treta:
 — “E hoje?” O irmão informava:
 — “Pegue o tigre e a borboleta.”
 Meses e meses passaram...
 Joaquim tinha o ouro à vista,
 Embora médium, subira
 A grande capitalista.
 Certa manhã, disse a voz:
 — “Joaquim, melhore o seu taco,
 Entregue tudo o que tenha
 No peru e no macaco.”

Joaquim atendeu, de pronto...
 Pôs as somas que ajuntara
 Nos dois bichos referidos
 Que a voz do Além lhe apontara.
 Nesse dia, entrou em prova;
 Com grande consternação,
 Viu que os bichos não vieram,
 Vieram gato e pavão.
 Joaquim errava, magoado,
 Da sala para a cozinha...
 Estava pobre... Perdera
 A fortuna que detinha.
 Ansioso, foi ao quarto,
 Entrou em prece e pediu:
 — “Irmão Rosalvo, esclareça!...
 O que é que você viu?
 Atenda! Peço socorro,
 Fale, irmão!... Pois estou fraco!...
 Por que o gato e o pavão
 Sem peru e sem macaco?”

A voz, porém, lhe explicou:
 — “Não sou o seu companheiro,
 Não sou seu irmão Rosalvo,
 Eu sou a mãe do banqueiro...”
 Meus irmãos, temos na terra
 Um trio de fel e fogo...
 Tem três nomes conhecidos:
 — Ambição, cachaça e jogo.

DIA DA CRIANÇA

Dia da Criança,
 Tempo de esperança.
 Menino que brinca e rola
 Não esqueça da escola.
 Em todos os locais,
 Respeite os seus pais,
 Não estrague, nem fira
 As plantas e animais.
 Menino abelhudo,
 Não fuja do estudo.
 Menino na estrada
 Não atire pedrada.
 Menino catarrento,
 Não fique no vento.

Menino da favela,
 Muitas vezes sem lar,
 Peça o apoio de alguém,
 Mas não busque furto.
 Veja as suas lições,
 Por dentro de casa,
 Não fique na rua,
 Que a rua é uma brasa.
 Seja você quem for,
 Nunca perturbe a ninguém.
 Criança, Criança,
 Você é a esperança
 Do mundo que vem.

REUNIÃO EM JESUS

Vale a pena observar
 Os inimigos da Luz
 Quando procuram secar
 O serviço com Jesus.
 É justo considerar
 Que a obra desse teor
 Reclama cooperadores
 Quais vigas de paz e amor.
 Iniciou-se na Terra
 O Evangelho em ação
 Com Jesus e doze amigos,
 Reunião a reunião.
 Por isso é que os companheiros
 Unidos em compromisso,
 Quanto possível não falhem
 Ao conjunto de serviço.

Os inimigos da Luz
 Agem de carga cerrada
 Exatamente no dia
 Em que a tarefa é marcada.
 Na hora em que os tarefeiros
 Precisam sair de casa,
 Eis que o entrave aparece
 Que os afasta ou que os atrasa.
 É o beliscão na coluna,
 É o boato que entristeça,
 É a visita inesperada,
 A antiga dor-de-cabeça.
 É uma criança que cai
 Pedindo mais atenção,
 É o engano de um parente
 Provocando discussão.
 É a chave que se perdeu,
 É o vizinho dando tecos,
 É um recado sem sentido,
 É o fígado em pandarecos...

Que todos os companheiros,
 Estejam firmes, serenos,
 Superando os veneninhos
 Que surgem de outros venenos.
 Que cultivem paz e calma,
 Com bondade e paciência,
 A reunião com Jesus
 É tempo de resistência.
 Meus amigos, não se prendam
 A esse ou aquele galho;
 Ante a Seara do Cristo,
 Que ninguém falte ao trabalho.

ABERTURAS

O problema assim começa:
Uma frase de ironia,
O grito fora de tempo,
O gesto de grosseria;
A vibração deprimente
De todo olhar ofensivo,
O barulho inesperado
Da discussão sem motivo;
O fel da maledicência
Que da boca se desloca,
O apontamento infeliz,
O cochicho da fofoca;
A conversa muito alta,
A resposta de machão,
O melindre exagerado
Da ausência de educação;

A brincadeira sem graça
 De qualquer toque que assusta,
 O veneno que se espalha
 De toda palavra injusta;
 A queixa de toda hora,
 O choro sempre constante,
 O vinagre da censura,
 O riso desconcertante;
 A voz de fera acuada
 Que surge da irritação...
 — Eis algumas aberturas
 Das tramas da obsessão.

UM CASO DE OBSESSÃO

Dos casos que tenho visto,
 O de Antonico Vicente
 É uma história como tantas
 Para educar muita gente.
 Dono de imensa fortuna,
 Era um sovina acabado,
 Quem lhe pedisse um favor
 Saía desanimado.
 A mendigo que rogasse
 A esmola de algum vintém,
 Sarcástico, respondia:
 — “Espera o ano que vem.”
 Um dia, chegou, no entanto,
 Em que Antonico mudado,
 Apareceu, de repente,
 Plenamente obsedado.

Cantava, chorava e ria,
 Falava em estranhas crises,
 Transformara-se num pouso
 De espíritos infelizes.
 Conduzido a um centro amigo,
 A fim de obter socorro,
 Ele chegou a clamar:
 — “Não agüento!... Sei que morro!”
 Depois de preces e passes,
 Veio o Guia acalentá-lo...
 Antonico, de improviso,
 Melhorou quase de estalo.
 Por quatro meses de bênção,
 Voltou a ser folgazão,
 Largou as más influências,
 Curou-se da obsessão.
 Era, porém, sempre o mesmo...
 Nada de agir para o bem
 Fosse qual fosse o pedido,
 Não amparava a ninguém.

Findos dez meses de paz,
 Disse-lhe o guia: “Antonico,
 Não deixe de trabalhar,
 Recorda que és forte e rico.”
 — “Que fazer?” — perguntou ele...
 Disse o Guia — alma sincera —
 “Socorre aos necessitados,
 A caridade te espera.
 Abandona a sovinice!...
 Meu amigo, escuta e pensa.
 Auxilia as boas obras
 Sem aguardar recompensa.
 O tempo segue e não pára!...
 Atende, meu companheiro,
 Distribui na caridade
 Um tanto de teu dinheiro!...”
 Mas, ouvindo esses conselhos,
 Antonico, sem razão,
 Xingou a beneficência
 E entrou em perturbação.

Por muitos anos, bradou:
 — “A ninguém darei meu cobre...”
 Antonico alimentava
 O medo de ficar pobre.
 E gritou até morrer
 No Sítio de João do Zorro,
 Comendo barro e clamando:
 — “Não agüento! Sei que eu morro!...”

DIA DOS PAIS

Casimiro era bom pai...
 E pai sempre é o companheiro
 Que trabalha todo dia
 Para cavar o dinheiro.
 Para que tanta moeda?
 Ouço a pergunta, assim rasa...
 Não respondo... Pai é sempre
 O grande esteio da casa.
 É a compra em supermercado,
 Levando o carro de mão,
 É a conta da leiteria,
 Da luz, do gás e do pão.
 É a despesa no colégio
 De quatro filhos pequenos,
 O preço da condução,
 Sempre mais, nunca de menos.

É o pagamento ao dentista,
 É a grana da costureira,
 O preço das aulas-extras
 À criançada matreira.
 É a prestação em aumento
 Do pequenino lugar
 Que lhe conserva a família
 Na bênção do próprio lar.
 É a cobrança da farmácia
 Das encomendas do mês,
 O pobre, em sabendo quanto,
 Coça a cabeça outra vez...
 É a verba particular
 Que deve trazer em mão,
 Para os freqüentes consertos
 Da velha televisão.
 É o cobre ao cabeleireiro,
 A conta do electricista,
 As notas do verdureiro
 Com pagamentos à vista...

Casimiro chega em casa,
 Cansado, suor na testa...
 Trabalhara no domingo
 Mas achou o lar em festa.
 Encontrou seus velhos pais,
 Entre vizinhos em bando,
 A esposa, o bolo mais rico
 E a meninada cantando...
 Sem graça, saudou a todos,
 E, ao encostar-se na mesa,
 O pobre via a festa,
 Meditava na despesa.
 Os quatro filhos cantavam:
 — “Todo pai tem seu dia,
 Viva o papai sempre amigo
 E viva a nossa alegria!...
 Viva o papai sempre amado
 E viva o nosso vovô!...”
 Mas a pensar em despesas,
 Casimiro desmaiou.

CARMELINO

Uma história curiosa,
Encerrando muito ensino,
É a que vi acontecendo
Ao nosso irmão Carmelino.
Era ele um servidor
Que conquistou nosso apreço,
Viera no Grande Espaço
De um mundo que não conheço.
Passeava pela Terra,
Vendo as árvores copadas,
Adorava o sol no verde
Dos campos e das estradas.
Parava junto das flores,
Ficando feliz ao vê-las,
Dizia que todas elas
Eram irmãs das estrelas.

Supondo o mundo perfeito,
 Solicitou ao seu Guia:
 Queria viver na Terra,
 Respirar um novo dia...
 O amigo escutou com calma
 E disse a ele: “primeiro,
 Procure ficar uns dias
 Em casa de um companheiro.
 Uma semana somente
 Com família de seu nível...
 Depois, veremos sem pressa
 Aquilo que for possível”...
 Carmelino se instalou,
 Em corpo espiritual,
 No lar generoso e amigo
 Do irmão José Juvenal.
 Juvenal era casado,
 Mulher, dois filhos e emprego,
 Morava em cidade grande,
 Mas vivia sem sossego.

Atencioso e distinto,
 Servia num armazém,
 Por residir no subúrbio,
 Cedinho, tomava o trem.
 A esposa ficava em casa,
 Dando assistência aos meninos,
 Que se espancavam com fúria,
 Em gritos e desatinos.
 A cozinheira ajudava,
 Mas era grande o pampeiro
 E a mulher a lastimar-se,
 Hora a hora, dia inteiro...
 Juvenal voltava à casa,
 Muito além do anoitecer,
 Depois de uma sopa leve,
 Tinha contas a rever.
 Sentava-se, acabrunhado,
 A força se lhe esbatia,
 Sentia-se fatigado
 Das contas de todo dia.

Eram contas de armazém,
Consertos de geladeira,
Exigências da farmácia,
Cobranças da costureira.
Eram contas do colégio,
Pedidos do entregador,
Listas das compras de casa
E preços do encanador.
Folheava novas contas,
Detalhes da prestação
Do aparelho que comprara
Com nova televisão.
Eram contas do padeiro
E notas da leiteria,
Todas mostravam aumento,
Subindo, dia por dia.
Finda a semana de estudo,
Carmelino veio a nós,
Parecia birutado,
De olhar distante e sem voz.

Veio o Guia recebê-lo,
Dizendo-lhe: Carmelino,
Você viverá na Terra,
Ganhará novo destino...
Está você satisfeito?
Seu novo berço estou vendo"...
Mas Carmelino, em silêncio,
Chorou e fugiu correndo...

UM MÉDIUM

“O que vem a ser um médium?”

Esta pergunta travessa
Demonstra que você traz
Muitos grilos na cabeça.
O médium é uma pessoa
Que trabalha, luta e sente,
Alegra-se, sofre e chora
Qual acontece com a gente.
Costuma ter batedeira,
Desarranjos de bexiga,
Dor nos rins, urina solta,
Fraqueza e dor de barriga...
De estômago delicado,
Muitas vezes, sente azia,
Vesícula complicada,
Engulho e disenteria.

Sempre que coma demais
 Dos pratos que tem à mão,
 Aflige-se em mal-estar
 Ou geme na indigestão.
 Tem febre e dor-de-cabeça
 Quando apanha resfriados,
 Quase sempre, traz no corpo
 Os nervos destrambelhados.
 Em amor, tem simpatias
 Como acontece a qualquer
 Se é mulher, pensa no homem,
 Se é homem, pensa em mulher.
 Necessita, nesse assunto,
 De instrução e de doutrina,
 Porque amor, em qualquer tempo,
 Não dispensa a disciplina.
 Se você quer ser um médium,
 Conserva a fé que não cai,
 Agarra-te a Jesus Cristo,
 Aprende a servir e vai...

A HERANÇA

— “Quero fazer caridade” —
 Dizia Júlio das Graças,
 Estou cansado de ver
 Tanta penúria nas praças;
 Vejo mães abandonadas,
 Cujos estômagos jejua,
 Crianças esfarrapadas
 Em tristes bandos na rua...
 Se Jesus me der recursos,
 Farei com muita alegria
 Um lar onde os pobres tenham
 O pão para cada dia.
 Tanto Júlio falou nisso
 Que o difícil sucedeu:
 Júlio ganhou grande herança
 De um tio que faleceu.

Era antigo solteirão
 Que não mostrava riqueza
 E o povo considerava
 Sovina por natureza;
 Ao morrer, viu-se-lhe a vida,
 Revelou-se-lhe o caminho...
 Tinha mais de dois bilhões
 E deixou tudo ao sobrinho.
 Após reter a fortuna,
 Alguns irmãos da cidade
 Vieram a ele indagando
 Dos votos de caridade.
 Que faria, enfim, agora?
 Perguntou-lhe a comissão:
 — “Um lar para os enjeitados
 E velhos sem proteção?”
 Respondeu Júlio, entretanto,
 —“Meus amigos, o dinheiro
 Que o tio me destinou
 Não dá para um galinheiro.

Mais tarde, conversaremos,
 Somos amigos leais...
 Os dois bilhões de meu tio
 Vêm a ser pouco demais.”

EVOLUÇÃO DO AMOR

O Doutor Leonel de Souza
Dono de terra e dinheiro,
Trazia a cabeça em fogo,
Hora a hora, dia inteiro.
Tinha uma filha somente,
A jovem Ana Maria,
Que lhe dera ao coração
A presença da alegria.
Ela, porém, namorava
O jovem Joaquim Mutamba,
Sempre juntos, noite a noite,
Lembravam corda e caçamba.
Sabendo que os dois se amavam
Com manifesta loucura,
O pai ficou alarmado
E disse à filha, insegura:

— “Ana Maria, você
 Não mais procure Joaquim,
 Considere o seu romance
 Um caso que chega ao fim.
 Largue, filha, enquanto é tempo,
 Esse Joaquim do pé torto,
 Um varredor de cinema
 Não tem onde cair morto...”
 A filha pediu, no entanto:
 — “Pai, rogo à sua bondade,
 Quero casar com Joaquim,
 Já temos intimidade!...”
 O velho esmurrou a mesa,
 Dando mostra de machão,
 E asseverou, irritado:
 — “Não aceito, não e não!...”
 O pai buscou, no outro dia,
 Um famoso pistoleiro...
 Queria um tiro no moço,
 Pagaria bom dinheiro.

O pistoleiro, maldoso,
 Que era pobre, muito pobre,
 Comunicou ao cliente:
 — “Sinto fome do seu cobre...”
 Semana passa semana,
 E o pistoleiro com jeito,
 Derrubou Joaquim, a tiros,
 Num crime duro e perfeito.
 Ninguém viu a cena triste...
 No povo, apenas mumunhas.
 Buscou a polícia, em vão,
 Informes e testemunhas.
 Ana Maria chorou
 Por muitos e muitos dias,
 Parecia torturada
 Por íntimas agonias...
 O pai cercou-a de mimos,
 Sentindo arrependimento
 E a moça continuava
 Toda entregue ao sofrimento...

Notei com grande surpresa
 Que ela trazia de lado,
 Em todo passo do dia,
 Mutamba desencarnado.
 Quatro anos se passaram...
 Veio o estouro de repente;
 A jovem Ana Maria
 Teve um novo pretendente.
 Era um rapaz educado,
 Um competente engenheiro...
 O pai fez o casamento
 Gastando muito dinheiro.
 Morrer não fora vantagem,
 De coração renovado,
 A moça trouxera à luz
 O primeiro namorado.
 Decorridos onze meses
 Surgiu a reviravolta...
 Um pequenino nasceu...
 Era Mutamba, de volta.

Tudo era festa em família,
 Felicidade, alegria...
 O genro e o sogro, contentes,
 Beijavam Ana Maria.
 O pequenino ante o seio
 Sugava o leite com gana
 E eu ficava refletindo
 Nas tricas da vida humana.
 O avô, vendo o neto ativo
 Parecendo esfomeado,
 Exclamava, todo dia:
 — “Eta, menino danado!...”

TAREFA FRUSTRADA

Fora ele um grande herói
Na abastança de outros dias...
Agora, doente e velho,
Agonizava Matias.
Gemia, desamparado,
Quem tanto estendera o bem...
Febril, tinha sede e frio
Mas não surgia ninguém.
Orara e dizia, humilde:
— “Jesus é o refúgio meu!...”
E quem devia ampará-lo
Naquela hora era eu...
Abnegados mentores
Que lhe escutaram a prece,
Enviaram-me a servi-lo
Em tudo quanto eu pudesse.

Caía a noite. Cheguei
 Ao pequeno pardieiro,
 No intuito de auxiliar
 Ao querido companheiro.
 Depois de assustado, ao vê-lo
 Exposto na tábua nua,
 Dispus-me a buscar-lhe amparo,
 Mesmo fosse, rua em rua...
 Pedi, em prece, aos amigos
 De minha pobre existência
 Que me fizessem andar
 Em minha antiga aparência;
 Passados breves instantes,
 Entrei na licença rara:
 Achava-me, tal qual eu fora:
 — Corpo igual ao que deixara.
 Tentando obter apoio
 Que reanimasse o velhinho,
 Memorizando endereços,
 Fui à casa de Antoninho.

Tinha nele um grande amigo,
 Falei do velho doente,
 Ele gritou, espantado:
 —“Você é o Jair Presente?
 Embora você me lembre
 Um cara amigo já morto,
 Não tenho qualquer auxílio
 Para os pobres sem conforto...”
 Corri procurando o Sérgio,
 Ele exprimiu-se, zombando:
 “Se eu pudesse dar esmolas
 Não vivia trabalhando...”
 Saí, apressadamente,
 Para a casa do Dirceu,
 Ele, porém, me falou:
 — “Auxílio? primeiro eu...”
 Modificando o roteiro
 Procurei por Dona Clara,
 Ela me disse: “Não tenho!...
 A vida está muito cara...”

Tudo em vão... Sempre pedindo,
 Fui a vinte moradias...
 Não encontrei um vintém
 Para socorro ao Matias.
 Regressei, desiludido,
 Ao pardieiro isolado,
 Para ver como estaria
 Passando o pobre coitado...
 Cheguei chamando o doente...
 Tudo silêncio e vazio...
 Matias, naquele instante,
 Morrera aos golpes do frio.

PROMESSA E MUDANÇA

— “Enfim” — clamou Nico Alceu
 ante o Grupo e o Dirigente —
 “Conforme a nota dos Guias
 Serei médium claramente.”
 E acrescentou, exaltado,
 — “Servir em quaisquer recantos!...
 Esse é o meu grande ideal,
 Mas não serei como tantos...
 Já conheci vários médiuns,
 Atuando em nossa estrada,
 Começaram em promessas
 E muita fanfarronada.
 Planejaram grandes obras,
 Assumindo compromisso,
 Mas fugiram, de repente,
 De todo e qualquer serviço...”

Trocaram ação e luz
 Por preguiça ou por prazer;
 Foram eles desertores
 Que nunca pude entender...
 Eu, porém, quero trabalho,
 Em favor dos desvalidos,
 Sem cansar-me de atendê-los
 Nos mais estranhos pedidos...
 Terei o meu lar aberto,
 No amor à mediunidade
 A todos os que precisem
 De paz e de caridade.”
 No outro dia, ei-lo em tarefa,
 Verbo calmo e gesto brando...
 Falava por ele um Guia
 E o pessoal foi chegando...
 Inspirava compaixão
 Ver tantas provas e crises!...
 O médium modificou-se,
 Diante dos infelizes.

Estava desencantado,
 Falava com rispidez,
 Sofredores que chorassem
 Com ele não tinham vez.
 Passadas quatro semanas,
 O Diretor descontente,
 Recebeu dele uma carta,
 Dizia achar-se doente.
 Em vão, buscaram amigos
 Visitar o irmão Alceu...
 Mudara o médium de Vila,
 Nunca mais apareceu.

ANOTAÇÃO BREVE

Meu amigo, ao responder-lhe
O confiante recado,
Reafirmo-lhe o refrão:
— “Cuidado! muito cuidado!...”
Veja o relógio e trabalhe,
Fuja da hora perdida,
Atenda às obrigações
Que lhe competem na vida.
Não estou aconselhando,
Rogo a você que me entenda,
Também eu vivo em meus erros
Que nem cana na moenda.
Guarde calma e nada diga
Na hora da irritação,
Não queira a barra pesada
Que surge do palavrão.

Conserve tato e prudência,
 Mantendo firmeza e raça;
 E não beba cousa alguma
 Do que lhe cheire a cachaça.
 Não viva pedindo aos guias
 Auxílio em muitas matérias,
 Em muitas ocasiões
 Os guias estão de férias.
 Bate-boca não resolve,
 Violência agora é onda,
 Se alguém lhe dirige ofensas,
 Afaste-se e não responda;
 Na estrada de cada dia,
 Cumpra o seu próprio dever,
 Quando um problema aparece,
 O momento é de aprender.

PETITÓRIO

Deus nos livre de cair
 Nos esculachos da rua,
 Dos grudes e dos apertos
 De quantos entram na pua;
 Da jogada que nos faça
 Tombar em vexame ou fria,
 De tomar um pilecão,
 Tendo a barriga vazia;
 De dar uma paquerada
 Sem apoio no dendém,
 De companheiro fajuto
 Que faz que vem mas não vem;
 De viver em caixa-baixa,
 Caindo pelas tabelas,
 De gatinhas enturmadas
 Sem sabermos quem são elas;

De festanças e garrafas,
 Onde há gente de nota,
 De gaturamo enrustido
 Que nos desonra a patota;
 De congesta e de chupão,
 De caboclo mamador,
 Da pessoa de mão grande
 De trombada e suador...
 Não sei escrever de letra,
 Nem orar, como e nem quando!...
 Ouça, meu Deus, o que sinto
 E não o que estou falando...

LIVROS EDITADOS PELO GEEM
 (ABRIL/86)

MAIS LUZ
 Bатуíra

BÊNÇÃO DE PAZ
 Emmanuel

CHICO XAVIER
 PEDE LICENÇA
 Espíritos Diversos

NATAL DE SABINA
 Francisca Clotilde

NA ERA DO
 ESPÍRITO
 Espíritos Diversos

ASTRONAUTAS DO
 ALÉM
 Espíritos Diversos

BEZERRA, CHICO E
 VOCÊ
 Bezerra de Menezes

DIÁLOGO DOS
 VIVOS
 Espíritos Diversos

INSTRUMENTOS
 DO TEMPO
 Emmanuel

JOVENS NO ALÉM
Espíritos Diversos

CAMINHOS DE
VOLTA
Espíritos Diversos

AMANHECE
Espíritos Diversos

SOMOS SEIS
Espíritos Diversos

TINTINO... O
ESPETÁCULO
CONTINUA
Francisca Clotilde

CRIANÇAS NO
ALÉM
Marcos

MOMENTOS DE
OURO
Espíritos Diversos

CHICO XAVIER EM
GOIÂNIA
Emmanuel

FALOU E DISSE
Augusto Cezar

INSPIRAÇÃO
Emmanuel

CALMA
Emmanuel

SINAIS DE RUMO
Espíritos Diversos

URGÊNCIA
Emmanuel

DEUS AGUARDA
Meimei

VIDA NO ALÉM
Espíritos Diversos

VIAJORES DA LUZ
Espíritos Diversos

AUGUSTO VIVE
Augusto Cezar

PAZ E ALEGRIA
Espíritos Diversos

NASCER E
RENASCER
Emmanuel

FILHOS VOLTANDO
José Roberto Pereira
da Silva
José Roberto Pereira
Cassiano

ADEUS, SOLIDÃO
Espíritos Diversos

ENTES QUERIDOS
Espíritos Diversos

SEGUINDO JUNTOS
Espíritos Diversos

VENCERAM
Espíritos Diversos

RECADOS DA VIDA
Espíritos Diversos

MAIS PERTO
Emmanuel

OS DOIS MAIORES
AMORES
Espíritos Diversos

VIDA NOSSA VIDA
Espíritos Diversos

QUANDO SE PRETENDE
FALAR DA VIDA
Roberto Muszkat

CONFIA E SEGUE
Emmanuel

PRESENÇA DE LUZ
Augusto Cezar

NOVAMENTE
EM CASA
Espíritos Diversos

LOJA DE ALEGRIA
Jair Presente

ESPERA SERVINDO
Emmanuel

NESTE INSTANTE
Emmanuel

BAZAR DA VIDA
Jair Presente

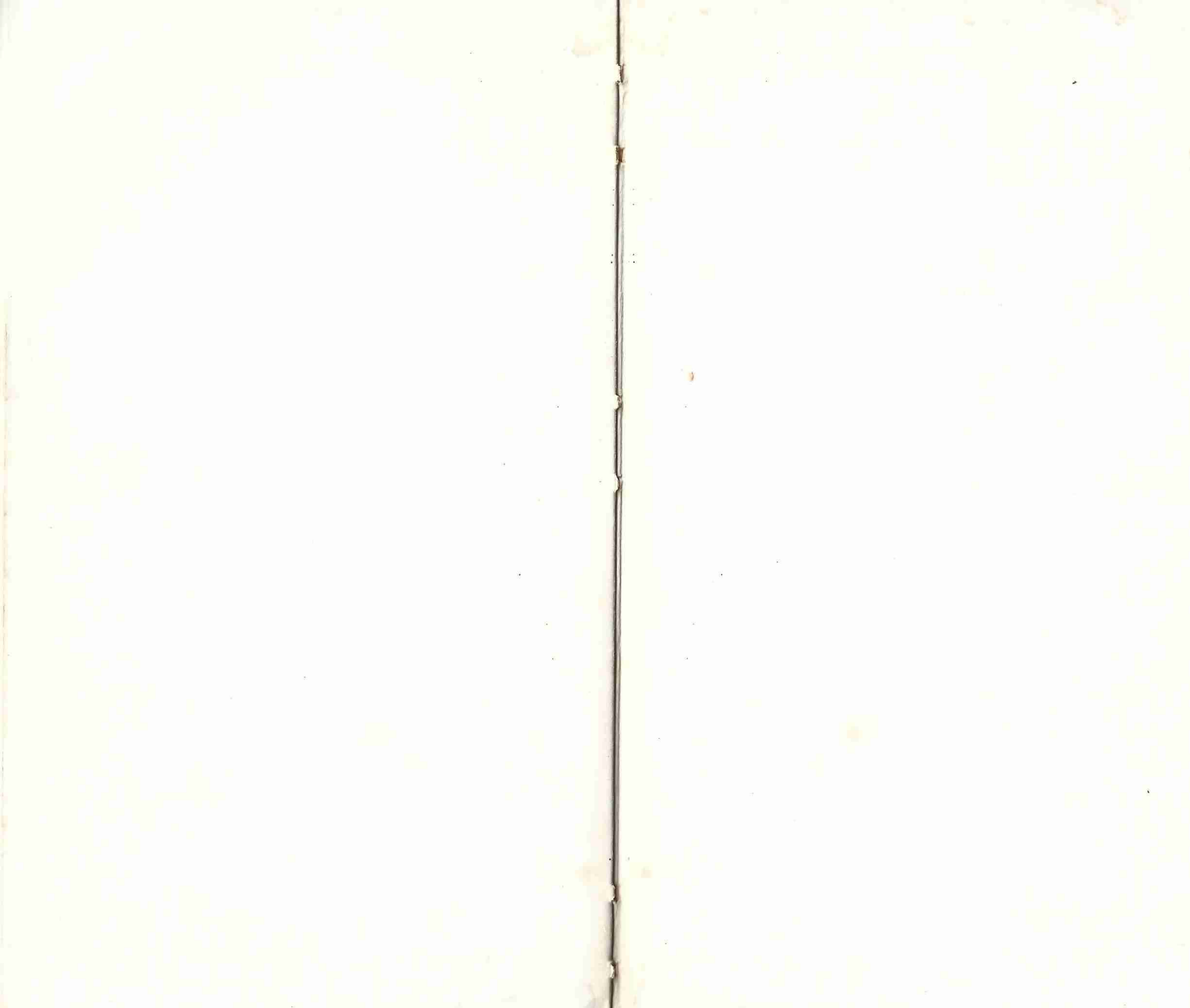
MONTE ACIMA
Emmanuel

VIAJARAM MAIS CEDO
Espíritos Diversos

FESTA DE PAZ
Espíritos Diversos

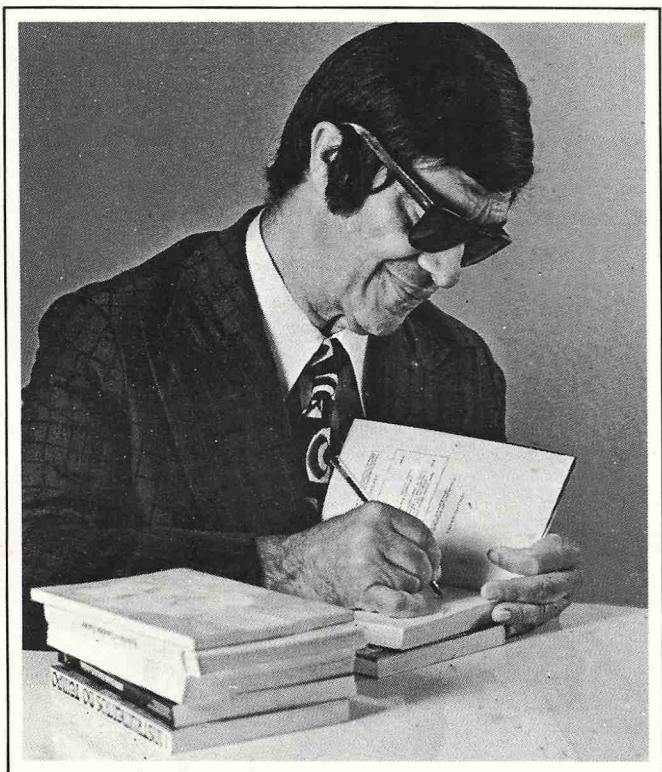
AGÊNCIA DE NOTÍCIAS
Jair Presente

LUZ E VIDA
Emmanuel





Impresso per
W. Roth & Cia. Ltda.



GRUPO **GEM**
ESPÍRITA
EMMANUEL S/C EDITORA

Avenida Humberto de
Alencar Castelo Branco, 2857
Telefones: (D.D.D.: 011)
443-5888 PBX - Caixa Postal 888
Telegramas: "EMMANUEL"
CEP 09700 - SÃO BERNARDO
DO CAMPO - SP